

# GAZETA MERCANTIL

FHC

QUINTA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 1995 \* 6 JUL 1995

GAZETA MERCANTIL

## Sentido estratégico da visita à Venezuela

A visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à Venezuela, atendendo a convite do presidente Rafael Caldera, reveste-se de um caráter estratégico como talvez nenhuma outra viagem em seu governo até aqui. Embora nos últimos anos os dois países tenham estreitado os contatos, prevalecia ainda um resquício de desconfiança por parte de alguns setores da sociedade venezuelana quanto a pretensões in-existent de um expansionismo brasileiro, tema muito explorado em razão de conflitos de fronteiras. Mas episódios desse tipo têm importância desprezível em decorrência dos interesses de dois países com uma longa fronteira comum, que se encontram em um estágio de desenvolvimento semelhante e estão igualmente empenhados em levar à frente programas de estabilização econômica.

Note-se que, sendo a Venezuela exportadora de petróleo e não sendo o Brasil auto-suficiente nessa área, foi apenas em 1991, durante a Guerra do Golfo, que houve um aumento mais substancial das compras feitas ao nosso vizinho ao norte. Isso poderia ser explicado pelo fato de que a Venezuela possuía clientes tradicionais, assim como o Brasil se abastecia quase totalmente junto a outros exportadores de petróleo.

Mas, a partir de então, estabeleceu-se uma nova avenida para o intercâmbio entre os dois países, sendo a Venezuela hoje o terceiro fornecedor de petróleo ao Brasil. A constatação da utilidade desse instrumento levou a uma nova fase de aproximação,

agora selada com a parceria estabelecida entre a Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA) e a Petrobrás, associação da qual surgirá a Petroamérica.

As possibilidades nessa área são imensas, não se limitando ao intercâmbio comercial entre os dois países. A "joint venture" entre a PDVSA e a Petrobrás poderá levar à realização de projetos conjuntos no Brasil, na Venezuela e em outras regiões do mundo. Prevê até mesmo a parceria para a construção de uma refinaria no Nordeste, cujo projeto deverá ser definido até o fim deste ano.

Se bem que tais negócios, como é natural, ganhem maior projeção, há outros motivos de grande relevância para que a Venezuela e o Brasil possam trabalhar juntos de forma intensa, em proveito de seus povos, de ora em diante. É essencial para que o intercâmbio ganhe maior volume que as vias de transporte na área fronteira, hoje tão precárias, sejam consideravelmente melhoradas. O governo brasileiro tem muito a realizar nessa área para vir a estabelecer a primeira ligação rodoviária entre uma capital brasileira (Boavista, Roraima) e a fronteira da Venezuela, e acordos foram firmados nesse sentido. Da mesma forma, pode haver uma interconexão hidrelétrica na região, tendo como fulcro a hidrelétrica de Guri, no país vizinho.

Com isso, será grandemente facilitada a execução de projetos binacionais para a exploração mineral de forma sustentável, através de acordos entre a Cooperación Venezolana de Guyana e a Companhia

Vale do Rio Doce (CVRD). Exemplo expressivo do espírito que hoje domina as relações entre os dois países foi o convite brasileiro ao governo venezuelano para que participe do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam), que não pode nem deve servir exclusivamente a um país da região. O que se espera é que, com o curso do tempo, oferta idêntica seja feita a outros países que compartilham também a bacia amazônica.

Por aí se vê como a Venezuela pode vir a ser uma das pontes mais valiosas para uma maior integração com os países do Pacto Andino. Não se trata, porém, de um objetivo excludente do Brasil. Como membro do Mercosul, o que o País objetiva é ajudar a estabelecer um arco de relações entre os países do Cone Sul, os amazônicos e os andinos, base para que se venha a constituir no futuro a Associação Sul-Americana de Livre Comércio (ALCSA). É oportuno lembrar que este é um objetivo contemplado pelo Mercosul como um todo.

A receptividade que o presidente Fernando Henrique Cardoso encontrou na Venezuela é sinal de que o governo do presidente Rafael Caldera não é, de forma alguma, infenso a essa idéia de interpenetração de mercados em uma escala maior. Idéia que não podia ser pensada em um momento mais propício do que este quando os países da América do Sul trilham o caminho democrático e procuram avançar em direção a uma sociedade economicamente mais aberta.